A INFLUÊNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DA CAPACIDADE LEITORA: A EXPERIÊNCIA NO 5º ANO

Vinícius Figueiredo Furtado Mourão,
Roberta Valeria Guedes

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar de que modo a leitura literária influencia na capacidade leitora dos alunos do quinto ano do Ensino Fundamental em uma escola particular do Distrito Federal. A partir da observação das dificuldades enfrentadas por estudantes inseridos no ensino básico em interpretar questões que evolvessem textos mais complexos, verificou-se a necessidade da produção desta presente pesquisa. Para tanto, fez-se uma pesquisa de campo com o intuito de elencar as práticas literárias abordadas por professores e alunos, assim como, investigar as diferentes concepções de leitura em sala de aula. Esse tipo de pesquisa foi escolhido com o intuito de melhor visualizar a influência da literatura na formação da capacidade leitora e percebe-se que as práticas literárias descritas pelos professores, muitas vezes, não condizem com a realidade. Dessa forma, com essa publicação, espera-se que os professores tenham subsídios para melhor compreenderem a importância da leitura literária na formação humana e intelectiva de seus alunos.

Palavras-chave: Literatura. Práticas literárias. Capacidade leitora. Teoria Literária.

APRESETAÇÃO

O ato de ler é uma atividade que sintetiza a importância da competência humana de se comunicar por meio de signos gráficos. Trata-se, inegavelmente, de uma ação que acompanha o ser humano desde os primórdios da vida em sociedade e, hodiernamente, a leitura se faz de suma importância para se estabelecer uma melhor comunicação entre os indivíduos, buscar informações de interesse pessoal, ou até mesmo em momentos de descontração. Dessa forma, o saber ler demonstra uma capacidade, sobretudo, humana.

Em sua totalidade, então, pode-se dizer que a leitura não se resume apenas no âmbito linguístico textual e seria um equívoco apontar o ato de ler como uma simples decodificação de grafemas. Dessa forma, entra a literatura como amparo ao ensino da leitura de maneira que rompa somente o enfoque nos signos gráficos. Neste contexto, as práticas literárias são capazes, portanto, de instigar a execução dos processos cognitivos básicos, ou seja, atos de linguagem e pensamento. Fica evidente, diante desse quadro que a boa leitura literária não só tem como foco o texto,

mas também as capacidades humanas oriundas de suas práticas, tais como, a reflexão sobre o mundo, busca pelo conhecimento e desenvolvimento da criatividade.

Diante do supracitado, nota-se, logo, que a leitura é de suma importância para o desenvolvimento pessoal, porém, ao longo dos últimos anos percebe-se que as práticas literárias têm perdido espaço no cotidiano da vida dos brasileiros. Segundo a pesquisa feita pelo Ibope através do Instituto Pró-livro, apenas 50% dos brasileiros já haviam lido algum livro. Sendo assim, essa realidade tem como consequência a deficiência na capacidade leitora, uma vez que já não há leitura, logo, não há progressão nas habilidades interpretativas. Desta forma, o índice de brasileiros que não conseguem interpretar textos mais complexos cresce, e isso é, de fato, reflexo da falta de leitura. Destarte, leva-se a reflexão do estopim de tal problema, o qual pode ser motivado por alguns fatores, contudo, nesse trabalho o enfoque foi na escola, a qual apresenta insuficiência de atividades de leituras e manuseio de livros com a finalidade encerrada neles mesmos.

Conforme explicado no parágrafo anterior, a escola é o âmbito em que se deveria ter maior interação entre o aluno e o livro, sendo o professor o mediador. Neste contexto, fica claro que o objetivo dessa pesquisa foi investigar a influência da literatura na formação da capacidade leitora dos alunos do quinto ano Ensino Fundamental- Anos iniciais, tendo como *corpus* de análise respostas dadas por professores e alunos sobre suas práticas literárias, sendo assim, um instrumento válido para a coleta e análise de dados que ajudaram a chegar ao resultado pretendido.

A escolha do tema trabalhado deu-se por perceber, ao longo do percurso acadêmico, que a leitura é a peça chave na construção de um sujeito consciente de si e, como consequência, mais humano. Entretanto, deve-se levar em conta que a leitura literária não se faz cem por cento objetiva, ou seja, quando se lê, não se analisa números ou dados estatísticos, mas sim a literatura que é considerada arte por aqueles que a apreciam. Dessa forma, infere-se que cada homem é singular e a sua subjetividade influencia no modo como recebe a mensagem do texto literário. Sendo assim, cada leitor percebe aquilo que mais lhe apetece nas práticas literárias e transforma isso, dentro de si, em aplicações a suas vidas.

O objetivo geral do presente trabalho é investigar a influência da leitura literária na formação da capacidade leitora dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais. Acredita-se que ao chegar à investigação de tal influência, é possível obter

melhores resultados na interpretação textual dos alunos. Dessa forma, pretende-se investigar a ótica daqueles que estão imersos nesse ambiente, professores e alunos. Posto isso, analisar os caminhos a serem percorridos para chegar ao objetivo almejado, o qual é a demonstração da influência literária nos alunos.

1.As concepções de leitura

O ato de ler é uma atividade que resume a importância da capacidade humana de se comunicar por meio de signos gráficos, porém, pode-se dizer que a leitura não se sintetiza apenas no âmbito linguístico textual, mas também no intelectivo. Neste contexto, para Silveira (2005) fica claro que o ato de ler é a execução dos processos cognitivos básicos. Então, não é difícil constatar que a leitura, portanto, envolve atos de linguagem e pensamento. Fica evidente, diante desse quadro que, para a compreensão dos fundamentos da leitura, é necessário que se leve em consideração as teorias cognitivas e as concepções de leitura.

Conforme verificado por Scliar (1992), a leitura não pode ser vista apenas como a prática de decodificar letras e grafemas. Trata-se, inegavelmente, de um processo cognitivo que o leitor atribui significado a esses signos gramaticais, por meio de seus conhecimentos pré-existentes. Seria um erro, porém, constatar que apenas é preciso o conhecimento gramatical para se compreender um texto. Assim, reveste-se de particular importância o entendimento que a visão de mundo e os conhecimentos sobre os signos linguísticos formam a compreensão textual, desta forma, não se excluem.

De acordo com a citação do parágrafo anterior, é interessante, aliás, ratificar que o leitor não se faz passivo ao texto, ou seja, é de suma importância a bagagem que leva consigo. Um estudo realizado em 2015, como fundamento a metodologia Inaf – Indicador de Alfabestimos Funcional – feita pelo Instituto Paulo Montenegro, mostra que apenas 8% da população brasileira é capaz de ler e interpretar um texto mais complexo e não apenas analisar as questões supérfluas. Conforme explicado acima, esse percentual é reflexo do ensino e prática literária com enfoque somente na abordagem gráfica.

Segundo Koch e Elias (2006), é possível explanar as perguntas que são feitas de o que é ler, como ler, para que ler, evidenciando as três diferentes concepções de leitura, sendo que cada uma delas apresenta um foco. O autor deixa claro que nessas abordagens, deve-se levar em consideração a concepção de sujeito, de língua, de

texto e de sentido, as quais são adotadas para ter um maior entendimento e aplicabilidade das concepções de leitura.

Na concepção de leitura com foco no autor, Koch e Elias (2006) afirmam que a língua é entendida como uma mera representação do pensamento lógico de quem escreve. Sendo assim, o sujeito é visto como soberano de suas vontades e ações, responsável por transmitir suas intenções da maneira que fora mentalizadas ao interlocutor, ou seja, de forma direta e sem levar em consideração as percepções do leitor. O texto, dessa forma, é a representação lógica do pensamento do autor, cabendo ao leitor somente captar as representações mentais e psicológicas do produtor, executando um papel passivo. O foco dessa concepção é, pois, o autor e suas intenções transmissíveis. O ato de ler, então, resume-se ao simples fato de receber as informações que o autor quis passar, sem se pensar nos conhecimentos do leitor.

Posto que a concepção de leitura com foco no texto usa os mesmos critérios de análise, isto é, língua, sujeito, texto e sentido, os autores expendem a concepção de língua com foco no texto como um instrumento estrutural. Sendo assim, a língua, dentro de um texto, é vista como um sistema de códigos e utensílio de comunicação. Ademais, o sujeito é caracterizado como um ser sem consciência, determinado pelo sistema. Em outras palavras, seja qual for o ato e comportamento individual desse sujeito, recai sobre o sistema, quer seja social, quer seja linguístico. O texto, por conseguinte, é visto como a codificação do autor e o leitor só precisa ter o conhecimento do código que está escrito para fazer seu papel dentro dessa concepção de leitura, que é decodificar. (KOCH; ELIAS, 2006).

Distintivamente das concepções supracitadas, a concepção de leitura com foco na interação autor-texto-leitor traz um papel mais autônomo do leitor. Destarte, o interlocutor não é passivo na composição do significado de um texto, e a língua é vista como dinâmica, viva, interacional. O sujeito, agora, é ativo e há, no texto, espaço para o leitor tirar uma série de implícitos, os quais vão além de questões supérfluas, ou meramente gramaticais. Porém, só se percebe tais implícitos quando se analisa o contexto sociocognitivo da interação dos leitores. Então, o sentido é a interação do sujeito com o texto. Segundo Koch e Elias (2017, p. 11), “a leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos".

Em suma, cada concepção aborda um modo como o leitor é posto diante de determinado texto. Sendo assim, percebe-se que na concepção com foco no autor, o

leitor é levado a reconhecer as intenções que o autor propunha, produzindo sentindo a partir do que o escritor do texto queria transmitir. Já na concepção com foco no texto, cabe ao receptor reconhecer a estrutura do texto e decodificar as palavras que são expressas, dessa forma, tendo como principal amparo, para a produção de sentido, o próprio texto e as estruturas gráficas, sintáticas e morfológicas apresentadas pelo autor. Em ambas, o leitor tem de reconhecer e produzir significado através de elementos dados a ele. Já na concepção com foco na interação autor-texto-leitor, o leitor dialoga com todos os elementos gramaticais, porém, requer do receptor uma ampla soma de saberes, a qual será fundamental para a formação de sentido, posto que o leitor não se faz passivo.

Pode-se, então, correlacionar a última concepção abordada por Koch e Elias, com a teoria da recepção fundamentada por Hans Robert Jauss. Tal autor interpela a teoria e a história da literatura tomando em consideração o papel do leitor como receptor das obras literárias. A origem desse quadro é facilmente encontrada na oposição do formalismo e do marxismo. Durante décadas, essas teorias abordavam a literatura como um simples instrumento estrutural, ou seja, focado na estética do texto, e a literatura como veículo de transposição do social, respectivamente. O que resultou a crítica de Jauss, pois esse afirmava que o erro principal de ambas escolas literárias, formalismo e marxismo, foi a exclusão do leitor e a forma como a obra era recebida por ele. Diante do exposto, então, é relevante ressaltar que Jauss elaborou sete teses a respeito da recepção da literatura por parte do leitor e do modo que reflete a história da literatura como um todo, embora serão retratadas apenas as mais relevantes a esse trabalho.

Em sua primeira tese, Jauss (1994) afirma que para se falar com veemência da história da literatura, o historiador deveria se colocar na posição de leitor, pois o autor deixa claro que a autêntica compreensão dos fatos literários, se dá pela análise que o próprio leitor faz da obra, sempre levando em consideração a visão de mundo, isto é, uma relação dinâmica entre autor-texto-obra, a literatura enquanto produção, recepção e comunicação. Jauss explicita que “a obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto”. (JAUSS, 1994, p. 25).

Jauss (1994) aborda, em sua segunda tese, aspectos ligados à recepção das obras pelos leitores. Para o autor, o conhecimento de obras antigas gera uma expectativa em relação àquela que o leitor está lendo, ou seja, os saberes do receptor

sobre estilos, formas e gêneros, os quais foram obtidos por leituras passadas e conhecimentos gerais anteriores desperta expectativas e ativa uma determinada postura emocional.

Conforme explicado acima, o que importa, portanto, é perceber que a leitura é uma atividade complexa que envolve diversos fatores responsáveis por um crescimento individual de cada leitor. Essa, porém, é uma tarefa que exige de quem está lendo uma posição crítica diante de textos e autores. Vê-se, pois, que o leitor, como já falado, não se faz passivo. E é preciso ressaltar que a construção de significado de texto demanda conhecimentos prévios. Por isso, é importante apontar que a formação de um leitor autêntico é como, por exemplo, uma escada que se sobe, ou seja, têm-se a necessidade de ir construindo pequenos degraus para o entendimento de textos mais complexos.

> O lugar mesmo de interação - como já dissemos - é o texto cujo sentido "não está lá", mas é construído, considerando-se, para tanto, as "sinalizações" textuais dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor, que, durante todo o processo de leitura, deve assumir uma atitude "responsiva ativa". Em outras palavras, espera-se que o leitor, concorde ou não com as ideias do autor, complete-as etc., uma vez que "toda compreensão é prenhe de respostas e, de uma forma ou de outra, forçosamente, a produz". (BAKHTIN, 1992, p. 290).

O autor deixa claro na citação acima que o leitor deve ter uma postura ativa, porém, não tirando o papel do texto que é apresentar essas sinalizações para quem lê. Destarte, o leitor compila as informações particulares do texto e as somas com as suas antecedentes, produzindo um posicionamento crítico, esperado de quem interpreta um texto de maneira coerente. Sempre levando em consideração a interação entre o autor, que tem seus conhecimentos prévios para a escrita, o texto, que sinaliza os implícitos, e o leitor, que sintetiza e soma todas as informações previas já existentes para a produção de sentido.

1.1 Leitura em sala de aula

A história da literatura em terras nacionais começa com a chegada dos portugueses ao Brasil. Desde então, o ensino vem sendo tratado de diversas formas. Não é difícil perceber que o primeiro contato, muitas vezes, que o aluno tem com alguma obra literária é na escola. Talvez pelo hábito de leitura dos pais ser pouco ou o poder aquisitivo da família não condizer com os preços dos livros literários, cabe,

então, ao professor fazer esse papel de mediador entre os livros e os alunos. Porém, segundo Lajolo (1999), esse trabalho não tem sido fácil, e são inúmeras vezes que a discussão sobre a leitura de sala de aula é deixada de lado e o verdadeiro papel do professor é escondido.

A indagação sobre as práticas literárias dentro de sala de aula é recente no Brasil. Foi apenas em 1980, segundo Mortatti (2014), que os educadores brasileiros começaram a refletir sobre o papel do ensino da literatura para o Ensino Fundamental e Médio. Foi aí, então, que houve uma divisão entre literatura e língua portuguesa. Contudo, o que se nota nos tempos atuais é que está havendo um retrocesso, pois muitas escolas não separam as matérias de língua portuguesa e literatura. Acima de tudo, ainda houve uma diminuição da carga horária de literatura nas aulas.

Conforme Lajolo (1999), o professor de literatura torna o relacionamento do aluno distante do livro por, muitas vezes, não saber qual abordagem ser usada na sala de aula. E ainda mais, crendo-se um guardião da arte de se expressar por palavras, impede que os alunos tenham contato com tudo o que traz a literatura. Então, ao invés de aproximar, faz com que os leitores acreditem que a literatura não tange a vida real e que não lhes apetece. Pode-se, também, correlacionar os pensamentos de Lajolo (1999) com o de Vigotsky (1998, apud SILVA, 2003), o qual aborda o papel do professor como mediador.

De acordo com os PCNs (1998), a maior finalidade de trabalhar com a literatura é formar leitores assíduos, capazes de formular pensamentos a respeito deles mesmo e da vida, e incentivar esses leitores à prática da escrita, já que não se desvincula o ato de ler e a escrita. O mais preocupante, contudo, é constatar que a falta de preparo dos professores em ministrar aulas de língua portuguesa é um dos fatores principais que ronda o baixo nível de leitura dos alunos. A forma como o profissional de pedagogia concebe um texto literário corrobora para a prática que ele usa em sala de aula. De acordo com Zilberman (1988, p. 144):

> A democratização da leitura passa por várias etapas, muitas delas nem sempre praticáveis pela universidade ou pelo professor. Dizem respeito antes a uma política cultural, que torne o livro acessível, e econômica que habilite a população ao consumo de obras artísticas. Porém, depende igualmente de uma decisão do professor: a de facultar a entrada da literatura, dessacralizada, mas também despida de intenções segundas, em sala de aula. Talvez então as pessoas leiam ou produzam textos, sem constrangimento e com grande gosto.

Para que a leitura seja eficaz, conforme explicado acima, é necessário que o professor saiba mediar. Segundo Tinoco (2000), a melhor forma de isso acontecer é mostrar uma leitura produtiva para o leitor como pessoa. O autor descreve a literatura como capaz de refletir o mundo e a sociedade, mesmo sendo produto da imaginação de quem a escreveu. Para ele, o leitor tem de se enxergar no momento da leitura e que reflita sobre si mesmo, isso, o autor denomina de leitura dialógica, pois é um diálogo entre o leitor e o texto. É importante ressaltar que para se produzir os efeitos desejados, o aluno tem de incorporar os seus conhecimentos prévios, sem que lhe seja imposto nenhuma interpretação pronta de início.

> Leitura produtiva que se torna um prazer quando a produtividade do leitor se manifesta, ou seja, quando os textos oferecem a possibilidade de ele exercer suas capacidades, dialógicas, de apreensão de mundo (do texto, da sociedade etc.). (TINOCO,2000, p. 5).

Sendo assim, percebe-se que o contato com o texto em sala de aula pode proporcionar um momento de muito proveito para os alunos, pois eles aplicam os seus conhecimentos e podem construir um significado singular de literatura e da prática literária. Não é exagero afirmar que esse tema ainda deveria ser estudado por todos os professores, para assim, poder aumentar o número de autênticos leitores, críticos, reflexivos, criativos.

METODOLOGIA

Esse estudo tem por finalidade realizar uma pesquisa aplicada, uma vez que utilizará conhecimentos da pesquisa básica para resolver um problema. Para um melhor tratamento dos objetivos e melhor apreciação desta pesquisa, observou-se que esta é classificada como pesquisa descritiva já que é um tipo de pesquisa que descreve os fatos e fenômenos de uma determinada realidade. Esse tipo de pesquisa tem como finalidade descrever detalhadamente os acontecimentos e preencher partes que faltam para a compreensão do objeto estudado.

Optou-se pela pesquisa bibliográfica no momento em que se fez uso de materiais já elaborados: livros, artigos científicos, documentos eletrônicos e enciclopédias na busca e alocação de conhecimentos sobre a capacidade leitora influenciada pela prática literária nas salas de aula. “Este tipo de pesquisa tem como

objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. ” (GIL, 2009, p. 41).

Como procedimento, pode-se citar a necessidade de pesquisa bibliográfica, isso porque se fará uso de materiais já publicados, constituído principalmente de livros. Entende-se, também, como um procedimento importante abordado no trabalho a pesquisa de campo, visto que envolve o estudo de um grupo de professores e alunos de maneira que se permita a visualização das concepções e práticas literárias aplicadas pelos docentes e acolhidas e executadas pelos discentes, a fim de se obter uma melhor apreciação do conteúdo apresentado no trabalho.

Pode-se, portanto, acrescentar como procedimento utilizado nessa pesquisa a análise de *corpus*, termo usado por linguistas, ou pesquisa documental. “A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico.” (FONSECA, 2002, p. 32). De acordo com a afirmação de Fonseca (2002), serão analisados dados e estatísticas de rankings nacionais e internacionais sobre as competências leitoras dos alunos no Brasil. Dessa maneira, visualizar-se-á os baixos níveis de leitura que enfrentam as escolas. Acredita-se que, com esta pesquisa, seja possível demonstrar a capacidade leitora dos alunos influenciada pela prática literária e revelar resultados que representem o desenvolvimento pessoal, linguístico e crítico do aluno.

Apresenta-se os dados coletados por meio de pesquisa de campo e, para tal, utilizou-se de questões fechadas aplicadas a professores (as) de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental- Anos iniciais e 30 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental- Anos iniciais, ambos grupos de uma escola privada no Distrito Federal. Os questionários objetivaram obter informações acerca da prática literária dos alunos e a forma como os docentes trabalham as habilidades de leitura com seus discentes.

Questionário aplicado para os (as) professores (as):

1) Qual (ais) a (s) finalidade (s) dos trabalhos com livros literários nas aulas de língua portuguesa?
( ) Preencher fichas literárias
( ) Fazer resumos do texto
( )Responder questões de vestibular e provas
( )Compreender a história contada contextualizando com a época em que foi escrito o texto.

2) Qual o foco nos estudos dos textos literários?
( ) Foco no autor
( ) Foco na análise gramatical do texto
( ) Foco no contexto histórico da obra
( ) Foco nos gêneros literários
( ) Foco na interpretação pessoal de cada aluno

3) Nas discussões sobre os textos lidos, o (a) senhor (a) pede que seus alunos expressem opiniões particulares sobre a leitura?
a) Sim, sou aberto (a) a escutar o que eles pensam.
b) Sim, algumas vezes, mas há falta de tempo.
c) Não, debatemos somente alguns aspectos que levo, pois há falta de tempo.
d) Não, só falamos das análises cobradas em provas e vestibulares.

Questionário aplicado para os estudantes:

1) Qual (ais) a (s) finalidade (s) dos trabalhos com livros literários nas aulas de língua portuguesa?

( )Preencher fichas literárias
( )Fazer resumos do texto
( )Responder questões de vestibular e provas
( )Compreender a história contada contextualizando com a época em que foi escrito o texto.

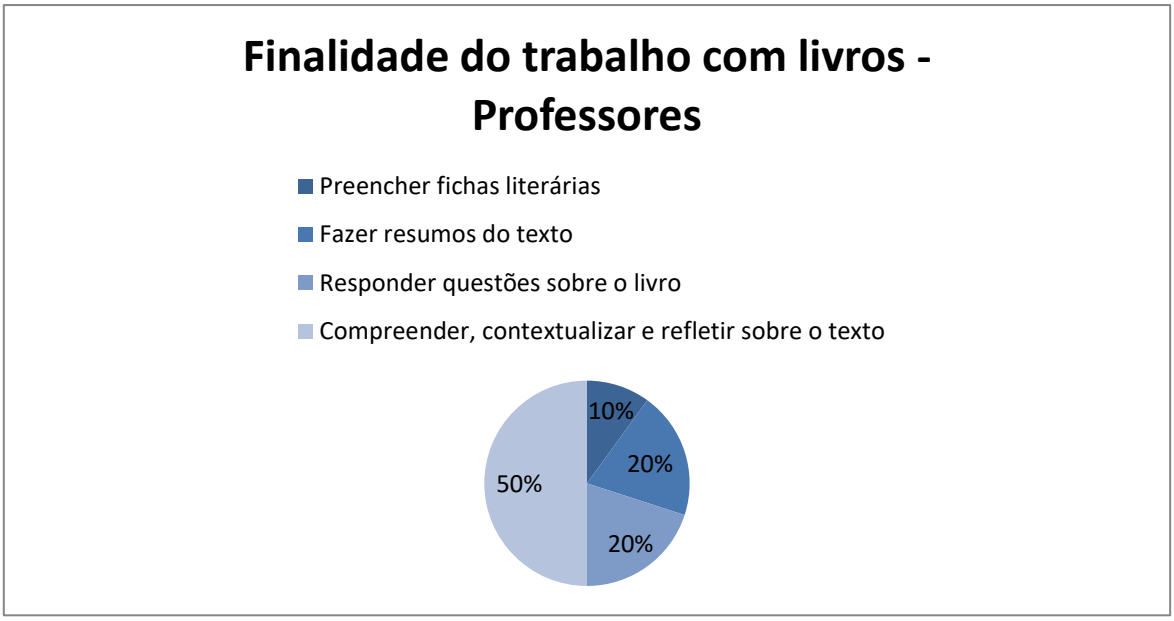
2) Você tem contato com livros literários fora da escola?
a) Sim, sempre.
b) Sim, às vezes.
c) Não, leio só os da escola.
d) Não, não gosto de ler.

3) Nas discussões sobre os textos lidos, o professor pede que você expresse opiniões particulares sobre a leitura?
a) Sim, o (a) professor (a) é aberto (a) a escutar o que pensamos.
b) Sim, algumas vezes falamos o que pensamos.
c) Não, debatemos somente o que o (a) professor (a) aborda.
d) Não, só falamos das análises já feitas pelo (a) professor(a)

COLETA E ANÁLISE DE DADOS

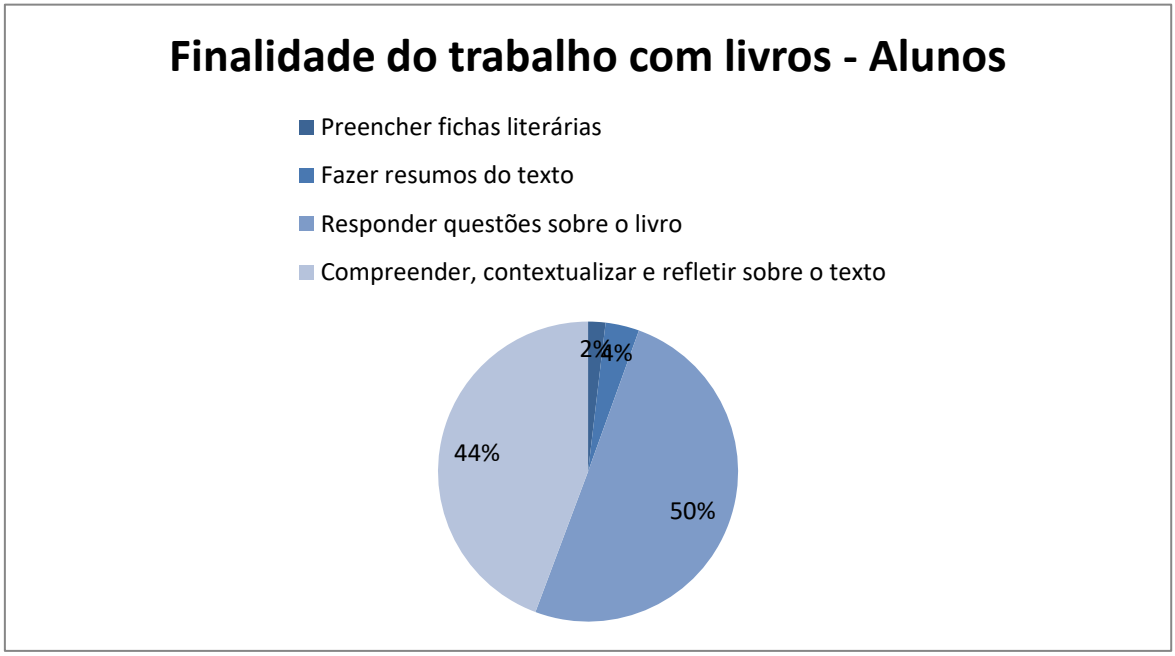
Os dados desta pesquisa foram analisados diante das respostas dos estudantes e professores (as) que responderam o questionário através de formulário no Google Docs.

GRÁFICO 1 - FINALIDADE DO TRABALHO COM LIVROS LITERÁRIOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA – PROFESSORES



Fonte: Do autor.

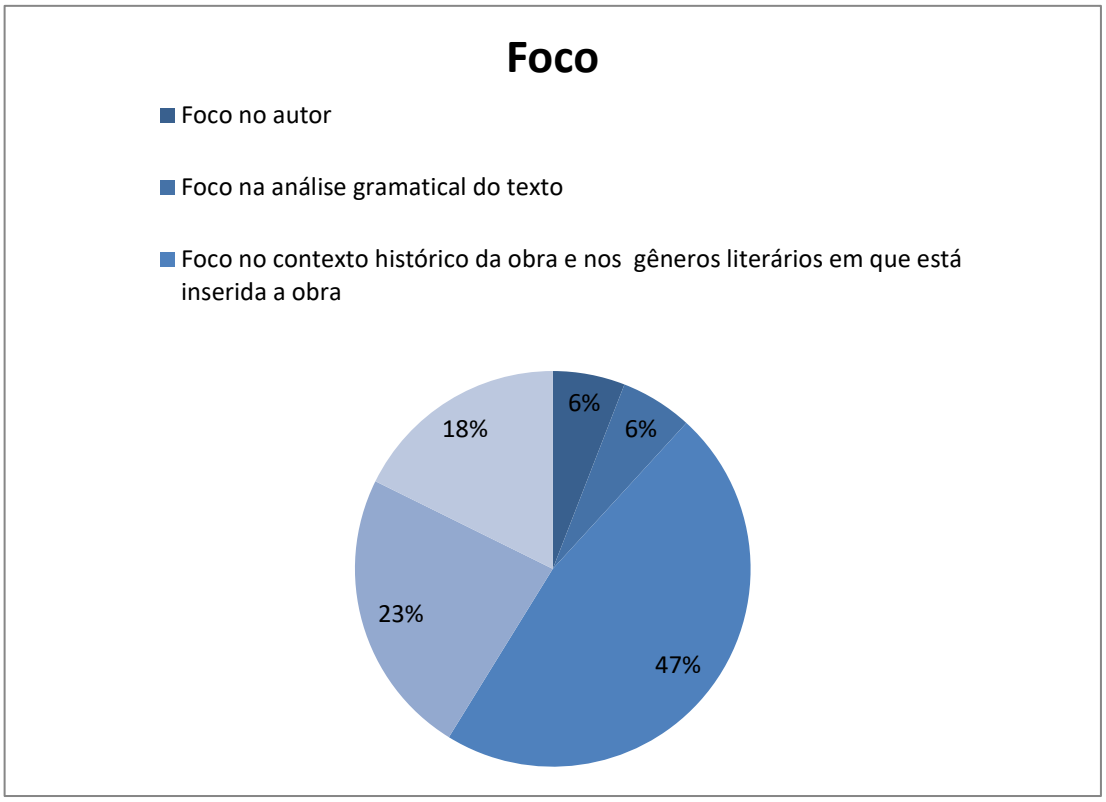
GRÁFICO 2 - FINALIDADE DO TRABALHO COM LIVROS LITERÁRIOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA – ALUNOS



Fonte: Do autor.

Em dados quantitativos apresentados acima, visualiza-se a divisão de quatro grupos de respostas que foram buscadas com a intenção de se descobrir a finalidade dos trabalhos com livros na aula de literatura com a ótica dos docentes (gráfico 1) e dos discentes (gráfico 2). No que tange a finalidade para os professores, dez por cento respondeu que é preencher fichas literárias, vinte por cento é fazer resumos de textos e mais vinte por cento é responder questões sobre o livro, sobrando os cinquenta por cento restantes, os quais responderam que a finalidade é compreender, contextualizar e refletir sobre o texto. Porém, há uma discrepante divergência de respostas entre os docentes e discentes. Percebe-se, dessa forma, no gráfico 2, que menos da metade dos alunos entrevistados responderam que a finalidade é compreender, contextualizar e refletir sobre o texto, o que segundo a autora Lajolo (1999), esses passos são fundamentais para conduzir a constante prática literária. Contudo, cinquenta por centos dos entrevistados (gráfico 2) afirmou como finalidade a resolução de questões sobre o livro, as quais, em sua grande maioria, buscam fazer análises formais dos textos.

GRÁFICO 3 - FOCO NOS ESTUDOS DOS TEXTOS LITERÁRIOS

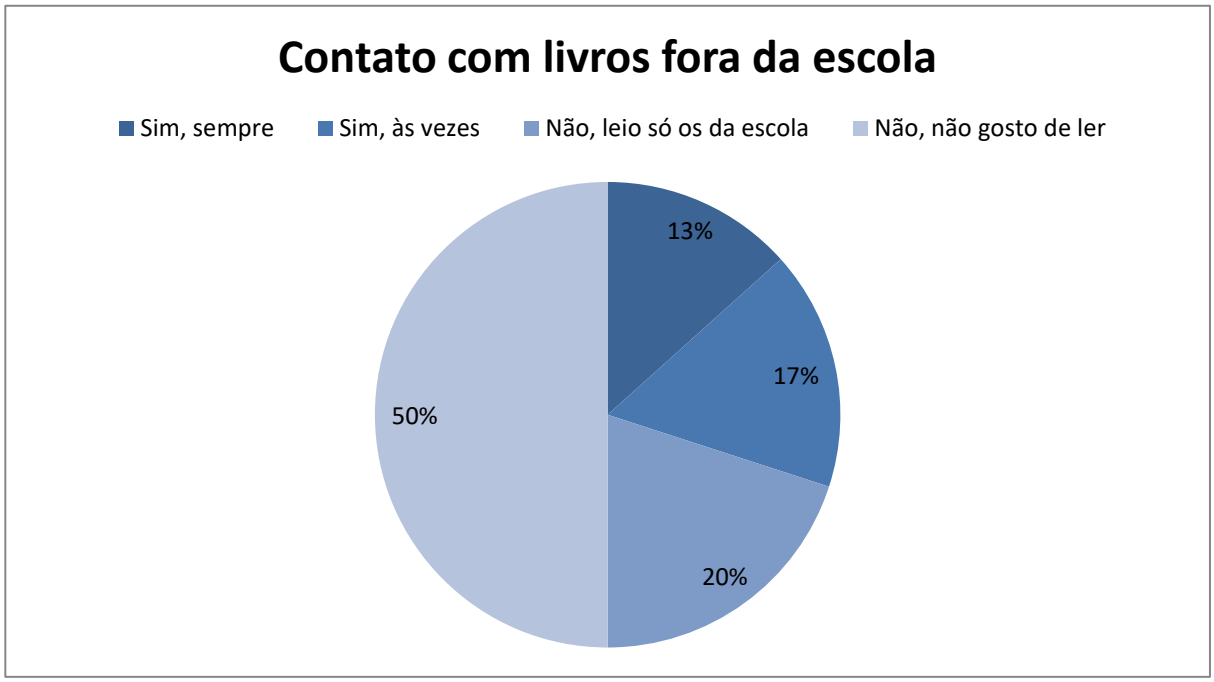


Fonte: Do autor.

Os dados apresentados acima representam o foco dos estudos literários que mais são abordados em sala de aula pelos professores entrevistados. Dessa forma, o item que mais se destacou entre os outros foi o foco no contexto histórico e no gênero literário em que está inserida a obra com 47%. Segundo Lajolo (1999) essa é uma prática tradicional que não está de todo mal, pois de acordo com a autora a contextualização da obra com seu momento histórico se faz importante, já que é preciso entender algumas características que voluntária ou involuntariamente o autor expôs no texto.

Contudo, o que não se deve ocorrer nas práticas literárias é o esquecimento da interação autor-texto-leitor abordado por Koch e Elias (2017), nesse quesito, apenas 23% dos docentes afirmaram que têm como foco a interpretação pessoal de cada aluno. Seis por cento focam no autor e mais seis por cento focam na análise gramatical do texto.

GRÁFICO 4 - CONTATO COM LIVROS FORA DO AMBIENTE ESCOLAR

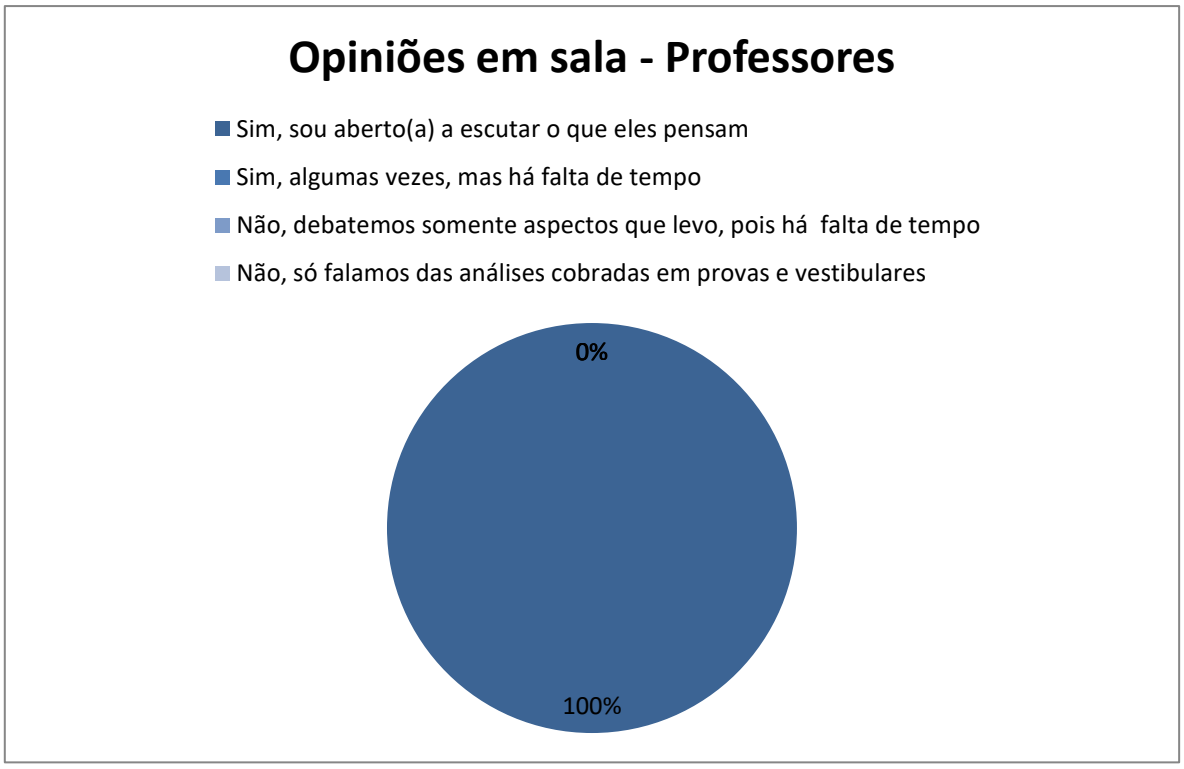


Fonte: Do autor.

De acordo com o Gráfico 4, metade dos alunos, ou seja, 50%, afirmou não gostar de ler. Número muito alto quando comparado com a quantidade de alunos que responderam à pesquisa. Ademais, somente treze por cento relataram que sempre têm contato com livros fora do ambiente escolar. Um dos fatores que pode contribuir

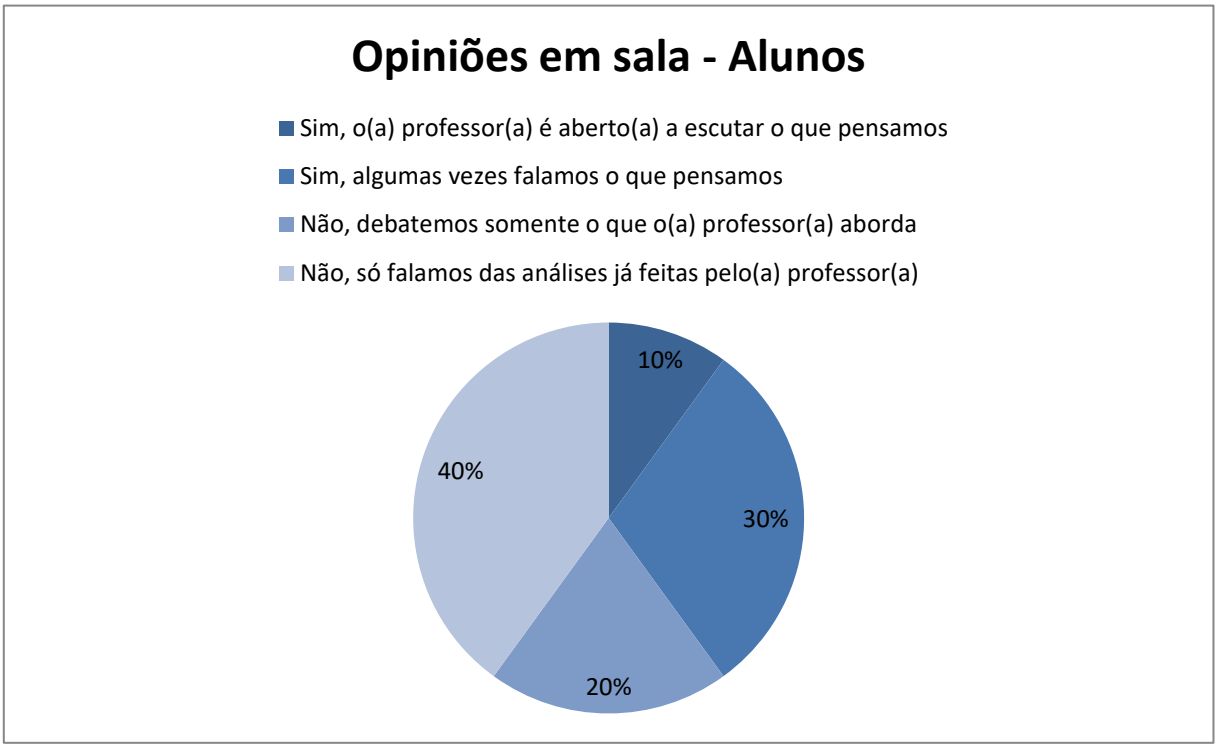
para o número de alunos não terem contato com livro fora do ambiente escolar ser muito grande é o fato, segundo os PCNS (1998), de que a formação de leitores está relacionada com a autonomia de escolha do próprio aluno, ou seja, a orientação do professor se faz muito importante, porém, o estudante tem de levar em consideração aspectos pessoais para se manter o gosto pela leitura fora dos muros escolares. Deve-se ressaltar que aqui não se fala de leituras de clássicos, ou livros pré-determinados por matrizes, mas sim de leitura literária por interesse próprio, sendo essa responsável pela contínua interação entre o aluno e as práticas literárias e interpretativas.

GRÁFICO 5 - ESCUTA DE OPINIÃO PARTICULARES SOBRE A LEITURA POR PARTE DOS PROFESSORES



Fonte: Do autor.

GRÁFICO 6 - OPINIÕES PARTICULARES SOBRE A LEITURA POR PARTE DOS ALUNOS



Fonte: Do autor.

Segundo os dados apresentados acima, é possível perceber a unanimidade dos professores quando perguntados se escutam a opinião dos alunos em sala de aula, cem por cento respondeu que são abertos a escutar o que pensam os alunos. Em contrapartida, somente dez por cento dos trinta alunos marcaram a opção que o professor os escuta. Haja vista que há uma enorme divergência entre o gráfico 5 e o 6, pois 40% dos alunos assinalaram que em sala de aula só se fala das análises já feitas pelo professor, 20% debatem apenas sob o direcionamento do professor e 30% às vezes falam o que pensam. Segundo as teorias de Jauss (1994), o leitor possui um papel tão importante quanto o do autor, pois seus pensamentos se cruzam e formam a interpretação. O aluno expressar opinião quando está lendo algo é o uso dos conhecimentos escolares ou de mundo que constrói através da verbalização o entendimento do texto. Dessa forma, nessa perspectiva de ensino descobre-se a importância e a manutenção da leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria daqueles que concluíram o Ensino Básico há pouco tempo pode comprovar com veemência que existe um problema e, infelizmente, está afetando de forma muito significante a vida dos estudantes. Jovens que saem do ensino básico sem instrução, sem visão de mundo e sem pensamento crítico para lidar com situações acadêmicas, sociais e pessoais. Durante toda essa pesquisa foi exposto, e se ressalta aqui, que um desses empecilhos de desenvolvimento pessoal dos estudantes é, de fato, a falta de leitura, a qual deve ser iniciada ainda nos anos iniciais.

É inequívoco que todos sabem a grande relevância que tem a leitura, porém, percebe-se que com a sociedade imersa na tecnologia e adaptada aos 120 caracteres permitidos em redes sociais, as pessoas só sabem que a leitura é importante, mas não sabem qual sua importância. No desencadear dessa pesquisa foi perceptível entender que o ato de ler desenvolve faculdades humanas insubstituíveis para o desenvolvimento social e intelectivo, tais como, reflexão e visão de mundo, desenvolvimento da criatividade, interpretação no seu sentido mais amplo e conhecimento de si e da essência humana.

Vale ratificar que não se aborda o ato de ler como mera decodificação de grafemas, ou a simples compreensão supérflua de uma mensagem de texto. No decorrer dessa pesquisa, fez-se referência à importância do desenvolvimento pessoal e a formação de leitores autênticos para o ser humano no seu caráter mais profundo. É preciso que haja mais do que campanhas de promoção à leitura, ou conscientização em massa, é necessário que a mudança comece em estilo pirâmide invertida, ou seja, a partir do pessoal de cada um até que um dia chegue ao todo.

Dessa forma, o principal personagem e capaz de incentivar esse ato da leitura da maneira mais plausível é o professor. O tema dessa pesquisa, portanto, encaixa-se nos estudos promovidos no curso de Pedagogia, pois, é na graduação que os profissionais deveriam entender e saber a prática de incentivo e manuseio da leitura em sala de aula. Destarte, deve-se ter um olhar contínuo aos professores em formação, abordando temas sobre as concepções de leitura, práticas pedagógicas e não esquecendo o essencial, a leitura, análise e reflexão de obras literárias. Para os professores já formados e com muito tempo de sala de aula, deve-se ter a conscientização que o conhecimento não é estagnado e a busca por melhorias promove uma melhor qualidade do ensino e respectivamente a formação de leitores autênticos.

Indubitavelmente, as práticas literárias em sala de aula produzem nos alunos, como consequência, a melhoria da escrita. Percebe-se, dessa maneira, que a leitura, além de desenvolver as faculdades humanas supracitadas acima, utiliza de linguagem enquadrada na norma culta padrão, ou seja, os alunos, com o constante contato com as obras, associam as palavras e as estruturas e constroem suas redações de acordo com o esperado para o domínio da língua.

A realização desta pesquisa contribui para instigar a discussão da perda do espaço da leitura na sala de aula, que é primordial para o desenvolvimento dos estudantes brasileiros, bem como explanar as dificuldades e opiniões de alunos e professores em relação à ministração das concepções de leitura e práticas literárias.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso** (1952-1953). In: GOMES-PEREIRA, M. E. G. (Trad.) Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais:** Ensino Médio - Orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **PCN**: Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, v. 2, 1998.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional:** nº 9394/96. Brasília, 1996.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CEREJA, W. R. **Uma proposta dialógica no ensino de literatura no ensino médio**. 2004. 330f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Linguística aplicada e estudos da linguagem (LAEL), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

FONSECA, J. J. S. da. **Metodologia da pesquisa científica**. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Analfabetismo no mundo do trabalho**. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://download.uol.com.br/educacao/2016_INAF_%20Mundo_do_Trabalho.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2018.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

KOCH, I. V. **Ler e compreender os sentidos do texto** – 3.ed. São Paulo: Contexto, 2017.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999

MORTATTI, M. R. L. **Na história do ensino da literatura no Brasil:** problemas e possibilidades para o século XXI. Curitiba: Editora UFPR, 2014, p. 24-28.

SCLIAR E CABRAL, L. **Analfabetismo funcional**: novos dados. In: Ernest A.; Funck S. B., 1992.

SILVEIRA. M. I. M. **Modelos teóricos e estratégias de leitura**: suas implicações no ensino. Maceió: EDUFAL, 2005.

TINOCO, R. C. **Leitura e literatura na escola**: uma nova relação dialógica. 2000. Trabalho apresentado ao 16º COLE - Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, 2000.

ZILBERMAN, R. **Teoria da literatura I**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.

_____. **A Leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.